



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

12º ANO

A máquina estremeceu, oscilou como se procurasse um equilíbrio subitamente perdido, ouviu-se um rangido geral, eram as lamelas de ferro, os vimes entrançados, e de repente, como se a aspirasse um vórtice luminoso, girou duas vezes sobre si própria enquanto subia, mal ultrapassara ainda a altura das paredes, até que, firme, novamente equilibrada, erguendo a sua cabeça de gaivota, lançou-se em flecha, céu acima. Sacudidos pelos bruscos volteios, Baltasar e Blimunda tinham caído no chão de tábuas da máquina, mas o padre Bartolomeu Lourenço agarrara-se a um dos prumos que sustentavam as velas, e assim pôde ver afastar-se a terra, a uma velocidade incrível, já mal se distinguia a quinta, logo perdida entre colinas, e aquilo além, que é, Lisboa, claro está, e o rio, oh, o mar, aquele mar por onde eu, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, vim por duas vezes do Brasil, o mar por onde viajei à Holanda, a que mais continentes da terra e do ar me levarás tu, máquina, o vento ruge-me aos ouvidos, nunca ave alguma subiu tão alto, se me visse el-rei, se me visse aquele Tomás Pinto Brandão que se riu de mim em verso, se o Santo Ofício me visse, saberiam todos que sou filho predilecto de Deus, eu sim, eu que estou subindo ao céu por obra do meu génio, por obra também dos olhos de Blimunda, se haverá no céu olhos como eles, por obra da mão direita de Baltasar, aqui te levo, Deus, um que também não tem a mão esquerda, Blimunda, Baltasar, venham ver, levantem-se daí, não tenham medo.

Não tinham medo, estavam apenas assustados com a sua própria coragem. O padre ria, dava gritos, deixara já a segurança do prumo e percorria o convés da máquina de um lado a outro para poder olhar a terra em todos os seus pontos cardeais, tão grande agora que estavam longe dela, enfim levantaram-se Baltasar e Blimunda, agarrando-se nervosamente aos prumos, depois à amurada, deslumbrados de luz e de vento, logo sem nenhum susto, Ah, e Baltasar gritou, Conseguimos, abraçou-se a Blimunda e desatou a chorar, parecia uma criança perdida, um soldado que andou na guerra, que nos Pegões matou um homem com o seu espigão, e agora soluça de felicidade abraçado a Blimunda, que lhe beija a cara suja, então, então. O padre veio para eles e abraçou-se também, subitamente perturbado por uma analogia, assim dissera o italiano, Deus ele próprio, Baltasar seu filho, Blimunda o Espírito Santo, e estavam os três no céu, Só há um Deus, gritou, mas o vento levou-lhe as palavras da boca. Então Blimunda disse, Se não abrirmos a vela, continuaremos a subir, aonde iremos parar, talvez ao sol.

## I

1. *Memorial do Convento* é um romance que trata a História de forma muito própria. Identifique no texto:
  - 1.1. elementos do contexto histórico;
  - 1.2. a convivência de personagens referenciais e ficcionais;
  - 1.3. a transformação ficcional de um facto histórico.
2. A transformação da História permite a construção de sentidos simbólicos e a intervenção crítica do narrador.
  - 2.1. Indique a que factores é atribuída, no texto, a subida da máquina e ponha em relevo a sua importância simbólica.
  - 2.2. */.../ e assim pôde ver afastar-se a terra a uma velocidade incrível /.../*. Transcreva os segmentos descritivos do texto que sugerem este progressivo afastamento.
  - 2.3. Indique o facto bíblico a que é comparada a subida da máquina no final do 1.º parágrafo.
  - 2.4. Explique a intenção crítica presente nessa comparação, bem como na analogia proposta no 3.º parágrafo.

## II

1. O romance de Saramago subverte também o código estabelecido para a pontuação do texto escrito.
  - 1.1. Reescreva, usando a pontuação normalizada desse código, o segmento que se segue:

*E aquilo, além, que é, Lisboa, claro está, e o rio, oh, o mar, aquele mar por onde eu, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, vim por duas vezes do Brasil, o mar por onde viajei à Holanda, a que mais continentes da terra e do ar me levarás tu, máquina (...)*
  - 1.2. Reescreva no discurso indirecto a frase: *a que mais continentes da terra e do ar me levarás tu, máquina (...)*

## III

À euforia pelo desenvolvimento tecnológico, opôs-se, no final do século XX, a certeza de que ele, por si só, não é suficiente para dar toda a felicidade a que o homem aspira, pois, muitas vezes, tal desenvolvimento é mesmo responsável por muitos dos sofrimentos da humanidade.

Numa composição cuidada e bem estruturada, desenvolva criticamente a ideia acima exposta.



## Correcção do teste

### I

- 1.1. Principais elementos do contexto histórico: o experimentalismo iluminista do séc. XVIII, documentado pela tentativa de construção de uma máquina voadora pelo Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, figura histórica do reinado de D. João V a que o texto alude; as viagens ao Brasil e à Holanda do mesmo Padre; o seu receio ao tribunal do Santo Ofício, que efectivamente o perseguiu por adesão ao judaísmo.
- 1.2. Personagens referenciais – o Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão e D. João V; personagens ficcionais criadas por Saramago – Blimunda e Baltasar.
- 1.3. Segundo as informações da História, o empenhamento de Bartolomeu Lourenço de Gusmão na construção de uma máquina que pudesse voar revelou-se relativamente frustrado, pois ele apenas conseguiu inventar um aeróstato rudimentar que se elevou somente alguns metros. A Passarola, que Saramago descreve e a que atribui a façanha de sobrevoar Lisboa, nunca existiu nem fez qualquer viagem aérea. Baseia-se apenas num desenho com esse nome com que o próprio Gusmão pretendeu mistificar e desviar as atenções do seu trabalho.
- 2.1. A subida da máquina é atribuída ao génio criador do próprio Bartolomeu de Gusmão, ao esforço de Baltasar que, apenas com um braço válido, deu preciosa colaboração na construção do engenho e, sobretudo, às vontades humanas que o carácter visionário de Blimunda conseguia captar. Estes factores põem em relevo a importância do esforço humano na resolução dos problemas do homem, que se opõe, no romance, à mundividência religiosa obscurantista e fanática da Inquisição, responsável pela morte bárbara e pela destruição do homem.
- 2.2. O progressivo afastamento da terra é sugerido pelos seguintes segmentos descritivos: *já mal se distinguia a quinta, logo perdida entre colinas; Lisboa, claro está, e o rio, oh, o mar; a terra em todos os seus pontos cardeais, tão grande agora que estavam longe dela.*
- 2.3. A subida de Bartolomeu de Gusmão é ironicamente comparada à subida ao céu de Cristo ressuscitado.
- 2.4. Há uma forte ironia na comparação, pois, enquanto Cristo subiu ao céu pela divina intervenção do Pai, aqui é o esforço e a imaginação criadora do homem que se mostram capazes de realizar acções consideradas na época acima das possibilidades humanas. Por isso Bartolomeu se considera a si próprio como "o filho predilecto de Deus" e está também "subindo ao céu", como se a divindade tivesse sido substituída pelo homem. A mesma ideia é acentuada pela analogia final em que as três personagens do romance, unidas pelo mesmo ideal num forte abraço, se substituem à Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. E a afirmação de Bartolomeu "só há um Deus" pode assim ser entendida como a crença do narrador/autor, oposta à das religiões tradicionais, de que a única força que faz avançar o mundo é a que resulta da vontade do homem e não de qualquer intervenção divina.

### II

- 1.1. E aquilo além, que é? Lisboa, claro está, e o rio. Oh, o mar, aquele mar por onde eu, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, vim por duas vezes do Brasil, o mar por onde viajei à Holanda! A que mais continentes da terra e do ar me levarás tu, ó máquina?!
- 1.2. Bartolomeu de Gusmão perguntou à máquina a que mais continentes da terra e do ar o levaria ela.